

Eu, Ben Ahfkael, filho de Noran Fikat, servo de Plendor, grande rei repleto de luz, a quem tenho servido neste último milênio, deixei Vaast ao alcançar a maturidade, movido por uma sede insaciável de respostas para minhas inquietações. Vaguei pelos reinos, ouvindo histórias e testemunhando eventos, cada um mais fascinante e singular que o anterior. Registrei-os com cuidado e reverência, consciente de sua importância para as gerações futuras.

Agora, em meus últimos anos, próximo ao fim de minha longa existência, decidi compilar esta coletânea que reúne as histórias mais marcantes que encontrei ao longo de minha vida. Quando refleti sobre como introduzir este livro, percebi a dificuldade em determinar qual narrativa seria a mais relevante ou digna de destaque. Afinal, todos nós, sem exceção, somos apenas fragmentos de um vasto e intrincado tecido chamado vida.

Foi então que compreendi que nenhuma introdução seria mais adequada do que aquela que aborda o próprio começo de todas as coisas: a origem da vida. Enfrentei um grande dilema, pois vi e ouvi inúmeras versões da mesma história - algumas condizentes com verdades mais amplas, outras cegas crenças nascidas do vazio.

Como elfo, descendente dos Atreenos, que viveram nos tempos da Árvore Sagrada, senti ser meu dever compartilhar aquilo que nos foi passado através das eras. Nós, elfos, acreditamos que fomos os primeiros, juntamente com os dragões, a habitar este mundo. Eis um fragmento de minhas anotações a respeito do que dizem os sábios anciãos do meu povo:

---

Ben Ahfkael, nascido no ano Uriath 2995.

Dedico a Plendor meu soberano estas palavras, que Ur esteja com vossa majestade!

---

Nós elfos, como muitos sabem, temos uma longa história de reverência pela Árvore da Sagrada. Sua presença em nosso mundo é um marco profundo em nossa identidade, mas, como tudo em nossa cultura. Muitos de nossos anciãos nos ensinam que a árvore foi dada a nós por Ur, a fim de guiar nossas almas e proporcionar sabedoria. Essa árvore sempre foi um símbolo de nossa conexão com a luz e com o equilíbrio.

A história, como nos foi passada, diz que antes mesmo de o mundo como o conhecemos nascer, houve uma grande guerra entre Ur e Ath. Esses dois seres poderosos eram as forças fundamentais que governavam o cosmos, mas seus ideais divergentes resultaram em uma grande guerra. Naquele conflito, que parecia interminável, Ur e Ath se confrontaram de maneira devastadora, destruindo tudo ao seu redor. Ao fim, acreditava-se que ambos sucumbiram, destruídos por sua própria batalha de vontade e poder. E, com a morte de Ur e Ath, muitos pensaram que tudo o que restava era um vazio sombrio, sem esperança de reconstrução.

Mas, como a natureza sempre encontra um caminho, a lenda diz que, em algum lugar distante e protegido de Dyla, antes ainda de ser chamada Uriath, surgiu a Árvore Sagrada. Nós, elfos, acreditamos que a árvore foi criada por Ur como um legado de sua luz e sabedoria e nós elfos fomos criados para adora-la. Dizia-se que sua presença era a última marca de sua existência no mundo,

um refúgio de pureza e conhecimento imaculado. Ao redor da árvore, os primeiros elfos se reuniram. Muitos acreditavam que a árvore os tornava mais fortes espiritualmente, mais conectados com o mundo ao seu redor. Foi ali, entre suas raízes e folhas, que nossos primeiros ancestrais se estabeleceram.

Dizia-se que, ao meditar em à sombra da árvore, os elfos começaram a entender o cosmos, suas próprias vidas e o fluxo da magia que, com o tempo, começava a se espalhar por Dyla. Sua sabedoria aumentava a cada dia, e logo os elfos começaram a se perceber como os filhos da luz. A árvore, com sua majestade serena, parecia, em sua essência, transmitir um poder suave e profundo, uma luz imensa que envolvia as almas de todos que se aproximavam dela.

Havia, no entanto, um acordo entre os elfos: ninguém jamais deveria comer dos frutos da árvore. O fruto era sagrado, uma dádiva pura que, se consumida, poderia afetar o equilíbrio de nossas almas e corromper o espírito. Por muitos séculos, essa sabedoria foi mantida, e os elfos se dedicaram a meditar ao redor da árvore, prosperando espiritualmente e vivendo em harmonia com o mundo.

Entretanto, como sempre acontece com as histórias que perduram por gerações, alguns elfos, movidos pela curiosidade ou pela ganância espiritual, começaram a quebrar o pacto. Eles se aproximaram da árvore e comeram de seus frutos, acreditando que a ingestão de seu poder os tornaria ainda mais sábios, mais próximos de Ur. Mas, ao fazer isso, algo inesperado aconteceu: a magia começou a se espalhar por seus corpos. Alguns desses elfos sobreviveram à experiência, mas outros não tiveram a mesma sorte. Os que sobreviveram, entretanto, começaram a se sentir

transformados, dotados de habilidades mágicas que antes não possuíam. A magia se espalhou lentamente por nossa raça, mas sempre com um toque de dualidade - a luz que muitos buscavam, mas também um vazio que alguns não compreendiam.

Os dragões, conhecidos guardiões da Árvore Sagrada, descobriram a violação do pacto. Eles diziam que a árvore era um reflexo da luz de Ur, mas também guardava os incompreendidos riscos de Ath, que havia sido irmão de Ur, a força do caos e da destruição. Aqueles elfos que haviam consumido os frutos foram expulsos pelos dragões, e a árvore foi magicamente selada, desaparecendo de nossa visão. Com isso, a localização da árvore foi escondida, e apenas os mais poderosos entre nós poderiam sentir sua presença, mesmo que de longe.

Os elfos que haviam comido dos frutos tornaram-se conhecidos como os Elfos do Equilíbrio e eles fundaram a Ordem que hoje tem domínio entre as nações. Divididos entre aqueles que ainda seguiam a luz e os que estavam cada vez mais próximos do vazio, esses elfos se espalharam pelo mundo, levando consigo os fragmentos do fruto, acreditando que essas pequenas porções poderiam ajudar a manter o equilíbrio do mundo. Foram eles que dividiram os frutos com outras raças, permitindo que a magia, tanto da luz quanto do vazio, se espalhasse por Uriath, mas isso teve um grande preço.

Embora a Árvore da Sabedoria tenha desaparecido de vista, ela permanece em nossa memória, como o símbolo da sabedoria que Ur nos deixou. Muitos de nós ainda acreditamos que a árvore, ou alguma forma dela, um dia retornará, e com ela, a verdadeira luz de Ur será restaurada. Acreditamos que somos os guardiões dessa

sabedoria, e nossa missão será sempre a de proteger a luz e manter o equilíbrio entre os desejos do vazio e as verdades da luz.